

O HOMEM VISTO POR ROUSSEAU [THE MAN SEEN BY ROUSSEAU]

José João Neves Barbosa Vicente

Professor de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
E-mail: josebvicente@bol.com.br

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar e discutir de forma introdutória o modo como Rousseau viu o homem em sua época. A opção por este estudo se justifica, uma vez que tal visão foi um dos fatores determinantes para suas reflexões e posicionamentos diante da sociedade do seu tempo e de suas instituições.

Palavras-chave

Ação. Discurso. Homem. Ser. Aparência.

Abstract

The purpose of this article is to present and discuss in an introductory way the way Rousseau saw the man in his day. The choice for this study is justified, since such a vision was one of the determining factors for its reflections and positioning before the society of its time and its institutions.

Keywords

Action. Speech. Man. Being. Appearance.



Uma leitura atenta dos escritos de Rousseau pode revelar muitas coisas com as quais o pensador se ocupou ao longo das suas reflexões, bem como temas importantes e atuais que merecem atenção por parte dos seus leitores. Afinal, Rousseau, como observou Wokler (2001, p.1), não se destacou entre os seus contemporâneos apenas pela “paixão e eloquência” com as quais expressou as suas ideias, mas principalmente pela grande quantidade de escritos importantes que produziu no século XVIII. Neste texto, o tema escolhido para reflexão e discussão gira em torno do modo como o pensador genebrino viu e interpretou os homens no seio da “sociedade moderna” da sua época. Essa escolha se justifica e se mostra pertinente, uma vez que tal visão foi determinante, não apenas para a construção das suas reflexões, mas também para a formulação das suas críticas radicais contra a sociedade e suas instituições.

Rousseau foi um grande observador dos homens, isso já foi ressaltado e comentado inúmeras vezes pelos vários leitores e estudiosos de seus escritos, mas não basta apenas reconhecer isso. É necessário sublinhar que tais observações são imprescindíveis para a compreensão do seu pensamento. Seus “estudos” e “observações” dos homens, não são questões menores em seus escritos e nem um recurso meramente retórico utilizado por ele para persuadir seus leitores, mas sim são preocupações fundamentais e necessárias no contexto do seu pensamento. Rousseau (1983, p.235; 1964, p.69; 1995, p.16; 1994, p.219) fala do “homem”, remonta “ao seu princípio”, estuda a sua “condição” e “suas diferentes relações”. Estudar o homem, para Rousseau (1983, 227), não se tratava apenas de uma atividade humana importante, tal estudo era, para ele, “o mais útil” de todos, mesmo sendo “o menos avançado” da sua época devido ao uso de métodos errados. Para o pensador genebrino, antes de dizer qualquer coisa sobre os homens, é preciso estudá-los e conhecê-los.

Na visão de Rousseau, existe uma única forma correta para se conhecer o homem verdadeiramente, tal forma consiste essencialmente em enxergá-lo exatamente como a natureza o constituiu. Em outras palavras, para Rousseau, conhecer o homem verdadeiramente, requer necessariamente dispensar os livros produzidos pelos seus “semelhantes” sobre o tema, uma vez que todos eles “são mentirosos”, e acreditar plenamente “na natureza que jamais mente”. Convicto de ter seguido o caminho certo no sentido de conhecer o homem em sua plenitude, o pensador genebrino acredita também



ter descoberto a sua verdadeira história: “Oh! homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam tuas opiniões, ouve-me; eis tua verdadeira história”, pode acreditar plenamente, pois “tudo o que estiver nela será verdadeiro; só será falso aquilo que, sem o querer, tiver misturado de meu” (ROUSSEAU, 1983, p.237). Rousseau, acredita que todas as suas considerações sobre o homem estão certas, porque o seu método de análise e observação não permite falha nem engano.

Ao tomar os homens como o seu objeto de estudo por excelência, ao observá-los atentamente, Rousseau constatou que no seio da “sociedade moderna” do seu tempo existe uma grande diferença entre os atos e as palavras dos homens; para dizer de outro modo, ele percebeu que os discursos dos homens não se alinham com as suas ações, todos os seus atos caminham totalmente na contramão de tudo o que eles falam ou dizem. O homem visto por Rousseau, não é um ser “inteiro”, ele é totalmente “fragmentado” e múltiplo. A explicação para toda essa situação decadente e condenável na qual os homens se apresentam, não pode ser outra senão a existência da diferença radical entre o ser e o parecer, entre a realidade e a aparência. Os homens, para Rousseau, agem e falam constantemente todos os dias e em vários locais, mas a verdade é que “suas ações” não se assemelham a “seus discursos”, porque “ser e parecer” são também, para eles, “duas coisas diferentes” (ROUSSEAU, 2005, p.78). O homem como visto por Rousseau no seio da sociedade, definitivamente não é um ser autêntico.

A constatação no homem da separação entre o discurso e a ação, cuja explicação encontra-se na cisão entre o ser e o parecer, surge como um dos pontos fundamentais para o pensador genebrino. É a partir dessa constatação que ele encontra elementos importantes e essenciais para formular suas considerações e posicionamentos radicais contra a sociedade da sua época e suas instituições, principalmente aquelas ligadas à política. Para ele, o homem que antes era totalmente inteiro, uma “unidade numérica” no estado da natureza, transformou-se definitivamente em uma “unidade fracionária” no seio da “sociedade moderna”. O homem tal como se encontra entre os seus semelhantes no seio da sociedade constituída é, para Rousseau, um ser dividido, múltiplo e não mais “um” como se apresentava no estado de natureza. O homem como visto por Rousseau, é um indivíduo que pode ser qualquer coisa, menos ele mesmo. Na verdade, ele não é nada, “para ser alguma coisa”, para ser autêntico e ele mesmo, diz Rousseau (1995, p.13), o homem precisa necessariamente ser “sempre um” e “agir como se fala”, ou em outras palavras, não pode existir diferença entre o seu discurso e a sua ação. O que se percebe



na sociedade é algo totalmente diferente, a saber, uma vida fundamentada na aparência, onde os vários tipos de máscaras utilizadas pelos homens escondem as suas verdadeiras intenções.

Os homens sempre “mostram seus discursos”, observa Rousseau (1995, p.268), o que eles nunca revelam verdadeiramente são os seus atos. Eles estão sempre aptos a fazer discursos, mas sempre “escondem suas ações” ou suas verdadeiras atitudes e intenções perante os seus pares. Os “belos discursos” dos homens são, para Rousseau, nada mais do que grandes máscaras cuja função é esconder seu verdadeiro ser e suas verdadeiras ações e vontades que, em geral, são sempre terríveis e prejudiciais para aqueles que atentamente os ouvem. A partir do momento em que o homem deixou de ser “inteiro” e “um” e se tornou “fracionado”, radicalmente dividido entre o ser e o parecer, um indivíduo em contradição permanente entre sua realidade e seu modo de aparecer, os homens desenvolveram todos os tipos de males e vícios da sociedade. “Ser e parecer tornaram-se duas coisas totalmente diferentes”, diz Rousseau (1983, p.267), e “dessa distinção resultaram o fausto majestoso, a astúcia enganadora e todos os vícios que lhes formam o cortejo”. Todos os males e vícios estão fundamentados nas “opiniões falsas” e na vida de aparência dos homens. Para obter vantagens e admiração dos outros, os homens valorizam o parecer e escondem o ser, preferem a aparência e não a realidade. Esse tipo de vida é a fonte de onde emanam os males da sociedade.

É interessante destacar que o debate sobre o mal era comum no século XVIII, mas o posicionamento de Rousseau sobre o assunto mudou, em certa medida, a maneira de se lidar com esse problema. Nas palavras de Neiman (2003, p.55), o pensador genebrino “foi o primeiro a tratar o problema do mal como problema *filosófico* – bem como a oferecer a primeira coisa parecida com uma solução para ele”. Com Rousseau, a responsabilidade pelo mal sai das mãos de Deus para ficar firmemente nas mãos dos homens que, apesar de não serem inerentemente perversos, alienaram de sua própria natureza. Assim, para ele, diz Neiman (2003, p.61), “o mal é externo, e não intrínseco a quem somos, e envolve justamente um foco no externo em vez de no essencial”. Para o pensador genebrino, portanto, não se pode, em hipótese alguma, responsabilizar nenhum outro ser pela situação decadente da “sociedade moderna” senão os próprios homens.

De acordo com Rousseau, os homens sofrem dos males dos quais eles são os únicos autores e, portanto, não podem culpar ninguém senão a eles próprios, pois não resta



qualquer dúvida que “tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem” (ROUSSEAU, 1995, p.9). O mal como entendido pelo pensador genebrino e que contamina a “sociedade moderna”, é algo que resulta única e exclusivamente da própria atividade humana e, por isso mesmo, ele não pode ser jamais atribuído, em hipótese alguma, nem à natureza e nem a Deus, afinal, seja como for, “não existe outro mal”, diz Rousseau (1995, p.326), “senão o que fazes ou sofres, e um e outro te vêm de ti. O mal geral não pode estar senão na desordem”, pois o que se pode ver “no sistema do mundo” é “uma ordem que não se desmente nunca”. Portanto, os homens devem estar cientes que de nada adianta reclamar ou queixar de Deus ou da natureza de forma constante e incessantemente, o que de fato precisam saber, diz Rousseau (1964, p.376), é “que todos os vossos males provêm de vós mesmos”.

Assim como a estátua de “Glauco marinho” da mitologia grega que, como descrita por Platão (2001, 611b-d) em seu diálogo *A república*, se desfigurou consideravelmente em relação à “sua natureza primitiva” e se tornou de certo modo irreconhecível “devido ao fato de, das partes antigas do seu corpo, umas se terem quebrado, outras se sobrepueram nela – conchas, algas, ou seixos –, de tal modo que se assemelha mais a qualquer animal do que ao seu antigo aspecto natural”, na sociedade moderna, observa Rousseau, os homens também se desfiguraram, eles se transformaram tão radicalmente que é impossível reconhecê-los como tais; seus discursos não se alinham às suas ações e eles não são o que parecem ser. O exemplo da estátua de Glauco utilizado pelo pensador genebrino para descrever com maior ênfase a figura ou a mudança provocada no homem no seio da sociedade moderna do seu tempo, demonstra, de acordo com estudos de autores como, por exemplo, Williams (2007), Riesenbergl (1992), Starobinski (2011) e Payot (1978), a forte influência do pensamento de Platão sobre Rousseau, ou em outras palavras, representa uma das heranças herdadas pelo pensador genebrino de suas leituras do pensamento desse importante filósofo grego.

O homem como visto por Rousseau no seio da sociedade, não é um indivíduo cujo “aspecto natural” encontra-se preservado; aos olhos do pensador genebrino, ele é visto como um ser que se destruiu de modo irremediável sua própria identidade natural, e “em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado”, diz Rousseau (1983, p.227), “não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante”. De acordo com observações de Jaeggi (2014, p.7),



essa desfiguração total como descrita pelo pensador genebrino, pode ser entendida como sendo a “deformação dos seres humanos pela sociedade”. Ainda conforme observação desse autor, com sua natureza dividida, alienado de suas próprias necessidades, submetido aos ditames conformistas da sociedade, em sua necessidade de reconhecimento e dependente de opinião dos outros, “o ser humano social é artificial e desfigurado”, ele jamais conseguirá realizar-se no seio da sociedade.

Para Rousseau, essa marca profunda de aparência que consome o homem, não pode ser considerada simplesmente como uma das características da sociedade moderna; ela é, na verdade, um dos piores males dessa sociedade e o seu aspecto mais desprezível. É por isso que seus escritos, de um modo geral, se apresentam como um grande adversário da sociedade de aparência; longe desse contexto é praticamente impossível compreendê-los em seu sentido e em seu propósito. Obcecado pela autenticidade e declaradamente inimigo da artificialidade e da aparência, Rousseau atacou incessantemente a sociedade da sua época afundada na lama da aparência e apontou suas mazelas, mesmo estando consciente de estar agindo de forma contrária a todos os seus contemporâneos. Mas, como ele mesmo gostava de dizer, sua preocupação não era agradar este ou aquele homem, este ou aquele grupo específico de homens, mas sim dizer a verdade.

Rousseau não se sentia um membro da sociedade do seu tempo, mas sim um indivíduo totalmente separado dela por um abismo intransponível. Para ele, a sociedade de aparência representava uma oposição radical à autenticidade e ao seu “eu” mais profundo. Rousseau (2005, p.23-24) desprezou o seu “século” e os seus “contemporâneos” e se afastou aos poucos da “sociedade dos homens”, porque não encontrou nela nenhuma “situação que pudesse contentar” o seu “coração”. Diferente dos seus contemporâneos, o pensador genebrino, como sublinhou Ankersmit (2002, p.36), não estava disposto a aceitar ou a suportar de forma alguma a ideia de que “as aparências podem estar completamente em desacordo com a forma como as coisas realmente são”; a “realidade” da sua época foi radicalmente negada por ele. Rousseau, como disse Starobinski (2011, p.9), “não consentiu” em nenhum momento “em separar seu pensamento e sua individualidade, suas teorias e seu destino pessoal”, suas forças foram concentradas na luta contra o mal da aparência.

O cultivo da aparência está diretamente ligada à corrupção da sociedade, uma vez que tal atividade transforma os homens em seres dependentes. Como sublinhou Jaeggi



(2014, p.7-8), para Rousseau, a dependência mútua dos homens no seio da sociedade, suas necessidades ilimitadas produzidas pelo contato entre eles e a busca de orientação de si nos outros, contribuem para o surgimento “da dominação e escravização, bem como para a perda da autenticidade e (auto) alienação”, uma situação totalmente “oposta à autonomia e à autenticidade do estado da natureza”; na verdade, “o ser humano social” está perdido desde o momento em que estabeleceu relações com os outros, não é mais um ser “fechado em si mesmo”. O homem deixou de ser definitivamente um ser pertencente a si mesmo para se transformar, para sempre, em um ser que vive totalmente fora de si e preocupado unicamente em viver na dependência da opinião e do olhar dos outros. Ele quer ser visto e admirado custe o que custar; sua existência encontra-se fundamentada no seu desejo incessante de parecer e sua maior preocupação não é com aquilo que é, mas com aquilo que parece ser; “até agora”, diz Rousseau (1994, p.214), “vi muitas máscaras, quando verei rostos de homens?”.

Para o pensador genebrino, o cultivo da aparência como foi visto por ele em pleno século XVIII ou “Século das Luzes”, não pode ser entendido senão como resultado da degeneração e corrupção dos homens. Para ele, todos estão satisfeitos com a condição na qual se encontram, ou pelo menos ninguém se incomoda com o cultivo da aparência, com a falsidade no modo de viver e na forma de agir, ou em outras palavras, com o parecer ser o que não é. Para Rousseau, esse estilo de vida, no entanto, não deve ser exaltado, mas sim condenado radicalmente; desse modo, ele que sempre falava de si mesmo como sendo “único” e nunca estava disposto a “dizer uma palavra, escrever uma carta, fazer uma visita, desde que sejam obrigatórios” (ROUSSEAU, 2005, p.21), não apenas rejeitou radicalmente o estilo de vida da sociedade do seu tempo, mas também nunca se interessou por qualquer outra forma de vida que não fosse aquela que o permitisse viver sempre de acordo consigo mesmo e com a natureza para que ele pudesse conformar sempre seus atos às suas palavras.

Como destacou Burgelin (1973, p.92) em seus estudos, para Rousseau, é preciso dizer que a ordem deve reinar necessariamente no indivíduo, não há como falar de homem sem pensar nessa ordem, sem pensar na “unidade” e na adequação entre seus atos e suas palavras, “se o pensamento faz nossa grandeza, aprender a bem pensar, agir como se pensa, constituem toda a moral, que diz respeito à unidade do homem”. Os homens não devem sentir medo de agir como pensam e nem de se comportar como homens, Rousseau recorda, por exemplo, que em seu tempo, vivendo em uma sociedade onde tudo é



aparência, ele foi duramente criticado e acusado devido ao seu modo de ser e de pensar. Para os seus contemporâneos, o seu estilo de vida era uma demonstração “de querer ser original e proceder diferentemente dos outros”. Para o pensador genebrino, no entanto, seja como for, a verdade é que ele, de fato, “não pensava de maneira nenhuma em proceder como os outros, nem diferentemente deles”; seu desejo mais sincero e o seu maior esforço caminhavam no intuito de “proceder segundo o que” lhe “parecia melhor” (ROUSSEAU, 1964, p.63).

Considerando uma sociedade contaminada pelos “malefícios da aparência” na qual o “ser” e o “parecer” são duas coisas totalmente diferente, onde as ações não se alinham com os discursos, “somente um homem moralmente livre”, como disse Viroli (1988, p.159), está, de fato, na condição “de ser verdadeiramente ele mesmo e completamente livre da aparência”; apenas esse homem é capaz também de contestar o estado presente dessa sociedade corrompida na qual se encontra inserido. Rousseau é esse tipo de homem, como ele mesmo disse, “não sou feito como nenhum dos que tenho visto; ousou crer ser feito como nenhum dos que existem. Se não valho mais, sou pelo menos diferente” (ROUSSEAU, 1964, p.15). O pensador genebrino não tem dúvida quanto a sua real função, a saber, “dizer a verdade” sempre e jamais “obrigar ninguém a acreditá-la” (ROUSSEAU, 1964, p.198). Ao contrário do espírito do seu tempo totalmente mergulhado na aparência, ele dedicou todo o seu esforço na busca da realidade e no cultivo da autenticidade, se “em todas as virtudes, em todos os deveres”, os homens “modernos” do seu tempo apenas buscaram “a aparência”, diz Rousseau (1995, p.568), “eu procuro a realidade e engano-me se houver, para chegar a ela, outros meios que os que dou”.

Para Rousseau, não se pode falar de homem se ele não for capaz de ser autêntico consigo próprio. Essa autenticidade, de acordo com observações de Taylor (1991, p.27), não se compara, por exemplo, a nenhum tipo de concepção moral, pois ela “é a fonte de alegria e de satisfação: *‘le sentiment de l’existence’*”. Um tipo de sentimento que surge totalmente livre de qualquer apego; em sua essência ele se constitui “por si mesmo” em “um sentimento precioso”, mesmo que muitas pessoas devido às “paixões contínuas” não o conhece, ou simplesmente não têm dele uma perfeita experiência. O homem, para Rousseau, como observou Varga (2012, p.21), é um ser que se autodestrói quando deixa de agir rigorosamente em harmonia com os seus “princípios secretos”; são esses princípios e não outros que constituem verdadeiramente o “âmago da sua identidade”. É por isso que o pensador genebrino nunca se deixou influenciar pela sociedade de aparência da sua



época e sempre buscou a “autenticidade”, um conceito importante em seu pensamento e em todas as suas reflexões, tal conceito, como disse Varga (2012, p.35), foi fundamental para que ele criticasse severamente todo o desenvolvimento da sociedade do século XVIII como sendo “um processo de distorções, ou em termos fortes, patologias”.

REFERÊNCIAS

ANKERSMIT, Frank. *Political representation*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2002.

BURGELIN, Pierre. *La philosophie de l'existence de J.-J. Rousseau*. Paris: Vrin, 1973.

JAEGGI, Rahel. *Alienation*. Translated Frederick Neuhouser & Alan E. Smith. New York: Columbia University Press, 2014.

NEIMAN, Susan. *O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia*. Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

PAYOT, Roger. *Jean-Jacques Rousseau ou la gnose tronquée*. Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble, 1978.

PLATÃO. *A república*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa : fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

RIESENBERG, Peter. *Citizenship in the Western Tradition: Plato to Rousseau*. Chapel Hill, N.C., and London: University of North Carolina Press, 1992.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

_____. *Emílio ou da educação*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *Júlia ou a nova Heloisa*. Trad. Fúlvia Maria Moretto. São Paulo: Hucitec; Campinas: EDUNICAMP, 1994.

_____. *Confissões*. Trad. Fernando Lopes Graça. Lisboa: Portugalia, 1964.

_____. *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques et al. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das Letras, 2011.



- TAYLOR, Charles. *The Ethics of Authenticity*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- VARGA, Somogy. *Authenticity as an ethical ideal*. Abingdon & New York: Routledge, 2012.
- VIROLI, Maurizio. *Jean-Jacques Rousseau and the "well – ordered society"*. Translated by Derek Hanson. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- WILLIAMS, David. *Rousseau's Platonic Enlightenment*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2007.
- WOKLER, Robert. *Rousseau: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2001.



Barbosa Vicente, José João Neves[Autor] **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.16, N.1, 2019, p. 34-43.



Recebido: 12/2018
Aprovado: 01/2019